

A MEMÓRIA PARA PENSAR O ESPAÇO: A PERSPECTIVA DO LUGAR

Memory to think about space: the place perspective

Kelly Cristina Rodrigues Silva¹

RESUMO

A tensão memória/história, fundamental para o desenvolvimento da historiografia, foi considerada pelo filósofo francês Paul Ricœur ao elaborar profundas reflexões sobre o papel de mediação do historiador entre o passado da História e o presente da memória. Seu pensamento transborda o âmbito historiográfico quando ele tece considerações sobre as três dimensões do espaço, a exemplo do que faz com o tempo. Ricœur, amparado pelas bases fenomenológicas, acredita que os lugares de memória podem ser muito mais que símbolos nostálgicos de um passado morto, se agregarem o sentido que a memória pode lhes oferecer. Desse modo, a memória também pode apontar para uma nova compreensão do lugar – um conceito essencial ao pensamento humanista na Geografia. Na abrangente tarefa da compreensão do espaço edificado, os procedimentos oferecidos por Ricœur na **tríplice mimésis** se aplicam à investigação geográfica dos atributos da memória.

Palavras chave: Lugar. Espaço. Tempo. Memória.

ABSTRACT

The memory/history stress, fundamental for the development of historiography, was taken into account by the French philosopher Paul Ricœur while elaborating deep considerations about the role played by historians in mediations between the past of History and the present of memory. Ricœur's thought extrapolated the historiographical sphere from the moment he brought into light his theory about the tridimensionality of space, in a similar vein to what he had done regarding time. Standing on phenomenological bases, Ricœur asserts that places of memory could represent much more than mere nostalgic icons of a dead past, if enriched by the meaning that memory may convey. In this way, memory may also lead to a new comprehension of the place – a concept deemed essential to the humanist thought in Geography. Within the comprehensive task of understanding the built environment, the procedures presented by Ricœur in his **triple mimésis** apply to the geographical inquiry about the attributes of memory.

Keywords: Place. Space. Time. Memory.

¹ Aluna de mestrado do Programa de Pós-Graduação da Universidade Federal de Goiás. kellyrodrigues07@gmail.com.

✉ Rua Marques Tocantins, 3B, Centro, Cidade de Goiás, GO. 76600-000.

INTRODUÇÃO

Os lugares são histórias fragmentárias e isoladas em si, dos passados roubados à legibilidade por outro, tempos empilhados que podem se desdobrar mas que estão ali antes como histórias à espera e permanecem no estado de quebra-cabeças, enigmas, enfim, simbolizações enquistadas na dor ou no prazer do corpo.

Michel de Certeau

A temática da memória tem suscitado importantes reflexões no pensamento historiográfico, especialmente a partir de 1970 quando se destaca como uma das consequências à situação de crise vivida pela História, caracterizada pela constante desconfiança nos conceitos gerais da disciplina e na relação conflituosa com o presente². Tornase bastante profícua tal discussão, sobretudo, como estímulo a uma (re)escrita da História a partir de novos pontos de vista, considerando a vivência das pessoas habitualmente esquecidas. A memória traz à tona questões não resolvidas, sentimentos não apaziguados, e provoca desconfiança quando a História mostra-se incapaz de responder aos conflitos existentes no presente.

Nesse sentido, a constante tensão História/memória fomenta a produção de vários autores que desenvolvem suas reflexões baseadas na temática. Ricœur, importante filósofo francês, dedicou grande esforço para pensar a relação entre tempo, memória, narrativa

² O historiador francês Hartog (2013) utiliza o termo “presentismo” para designar tal relação. Considera o presente como importante imperativo social e político dentro da experiência histórica, após uma fase de grande descrença pelo futuro que, segundo o autor, causa uma verdadeira mudança no regime de historicidade. Outras consequências importantes apontadas por Hartog, além do exercício da memória como busca de identidade social, é a emergência do patrimônio e das comemorações de cunho nacional.

e História, constituindo uma relevante obra para compreender a dimensão da memória na operação historiográfica. Todavia, sua contribuição ultrapassa os limites da História, quando o autor transborda seu pensamento sobre o tempo ao falar do espaço como experiência viva, ancorado na extensão do corpo e de seu ambiente, provocando uma reflexão mais profunda sobre o conceito de espaço, usualmente tratado pelos geógrafos.

Destarte, o objetivo principal dessa reflexão será pensar a contribuição da dimensão da memória para uma interpretação sobre o espaço que assegure a importância da experiência das pessoas com o lugar. A obra de Ricœur será o ponto de apoio fundamental à nossa argumentação por fornecer uma frutífera comparação das dimensões de tempo e espaço na perspectiva do vivido, e desdobrar-se numa rica correlação entre o espaço construído (arquitetura) com o tempo narrado como chave para pensar o habitar.

O texto está organizado em três partes distintas: iniciaremos com a discussão Ricœuriana sobre as três dimensões do tempo e do espaço, apresentaremos a importância de refletir sobre os conceitos numa visão fenomenológica que parta da experiência vivida para questionar e enriquecer as proposições formais colocadas pelas Ciências tanto histórica quanto geográfica. Em seguida, abordaremos o paralelismo estreito traçado por Ricœur entre o tempo narrado e o espaço construído ao sugerir uma **tríplice mimésis** para a interpretação do urbanismo em relação ao espaço, a exemplo do que propõe com a narrativa em relação ao tempo em sua extensa obra “Tempo e Narrativa”. A última parte consiste numa reflexão sobre a categoria do lugar, conceituado dentro da Geografia pela corrente humanista, com forte inspiração na Fenomenologia. Entendemos ser esta a porta de entrada disponível na Ciência Geográfica para conceber a construção de um sentido enraizado na dimensão da memória para a reflexão

A memória para pensar o espaço: a perspectiva do lugar
Kelly Cristina Rodrigues Silva

sobre o espaço. Pressupomos que a união entre as reflexões sobre o lugar humanístico e o caminho traçado por Ricœur na **tríplice mimésis** é de veras adequada para, a exemplo do que ocorreu na História, permitir que a memória suscite novas e importantes reflexões também no âmbito geográfico.

AS DIMENSÕES DO TEMPO E DO ESPAÇO

A testemunha, no momento em que rememora, não só diz “eu vivi”, ela também se situa no espaço quando diz: “eu estava lá”. Ricœur (2007, p.57) destaca isso ao dizer que as “coisas lembradas estão intrinsecamente associadas a lugares”. O fato ocorrido teve um lugar, as lembranças estão, portanto, posicionadas no tempo e no espaço. O ato de habitar um país, uma cidade, um bairro, uma casa, possibilita o desenvolvimento de uma forte e significativa relação humana entre tempo e lugar, em diferentes escalas.

Partindo desse pressuposto, Ricœur inicia sua teoria sobre a articulação entre o tempo histórico e o espaço habitado, concebidos de forma dialética em três diferentes dimensões. Tal tarefa objetiva a recuperação do sentido primordial de tais categorias e a constituição de uma reflexão segura, não obstante complexa, sobre os caminhos metodológicos traçados pela historiografia; reflexão esta que entendemos ser extensível ao pensamento geográfico pelo paralelismo entre narrativa e espaço construído.

O TERCEIRO TEMPO CONSTITUÍDO PELA NARRATIVA

Entre o tempo cósmico e o tempo vivido, encontra-se um terceiro tempo, caracterizado pela articulação narrativa. É o tempo situado na cronologia, configurado pela datação na ordem do tempo. Para Ricœur

(1991, p.12), o homem tece tais mediações simbólicas com a intenção de tentar superar a desproporção entre o tempo vivido (qualitativo: caracterizado pelas percepções de uma consciência que experimenta o mundo) e o tempo cósmico (quantitativo: traçado pelo conhecimento científico que atribui grandes eras geológicas para medir a antiguidade da Terra). Assim, a “experiência cultural” do tempo objetiva ajustar o tempo cósmico ao tempo dos homens que vivem em sociedade.

Para exemplificar, Ricœur cita a classificação feita por Pomian ao nomear as *cronosofias* como as grandes divisões da história em períodos – ideia de progresso de uma história universal na passagem dos tempos antigos aos novos; e as *cronografias* designadas pelo tempo dividido em calendário – representando a grafia do tempo humano no tempo sideral em período mais recente. Tais estratégias consistem na invenção de um terceiro tempo, constituído por uma estrutura simbólica de mediação entre o tempo cósmico, que tem como base os conhecimentos astronômicos, e a experiência humana calcada nos acontecimentos que estão inscritos na memória coletiva.

A mediação, que organiza o tempo histórico, abarca tanto o tempo dos fatos ocorridos em si, quanto o tempo da narração desses fatos por aqueles que os descrevem. O relato do historiador tenta salvar o passado do esquecimento, embora só lhe restem os vestígios do que ocorreu. Ele eleva os rastros à categoria de documentos para ter como base a construção de sua narrativa. A história, portanto, não constitui uma cópia fiel do que foi o passado, por ser “impossível comparar a suposta cópia com o original desaparecido” (RICŒUR, 1991, p. 14); é, incessantemente, uma reconstrução do que passou, uma construção simbólica da experiência do tempo. É a chamada **representância**: algo que chega ao historiador do passado, não sendo literalmente o que foi, é uma permanência que perpassa o tempo e se transforma em narrativa.

A memória para pensar o espaço: a perspectiva do lugar
Kelly Cristina Rodrigues Silva

Há, desse modo, dois tempos quando tratamos do tempo histórico: o tempo coletivamente vivido pelos homens do passado (tempo dos acontecimentos), e o tempo do relato que é elaborado pelo historiador com os rastros que permaneceram. Descreve Ricœur:

O tempo histórico, sem igualar-se ao tempo cósmico, é mais vasto que o tempo dos mortais; é o tempo dos povos, das nações e, em geral, de entidades sociais mais duradouras do que as vidas individuais. Os indivíduos só interessam à história na medida em que são considerados em relação à natureza e às mudanças de uma sociedade existente num tempo e num lugar determinados (RICŒUR, 1991, p. 14).

A tarefa de organizar o tempo em narrativa é um ato configurante, pressupõe a construção de tramas de sentido organizadas em causas e efeitos que possuem uma intenção definida. O relato histórico tem o poder de conferir uma identidade narrativa aos povos e comunidades que se espelham em personagens descritos pela história. Tal simbolismo é capaz de converter a história narrada na representante do passado; este agora subtraído e transformado em ausente pela história. Nesse movimento, a história narrada substitui a história coletivamente vivida anteriormente. O passado já não está mais em seu lugar de antes, há um deslocamento, uma ruptura, porque a história não é de fato o que foi, pois está fundada numa representação.

Por meio do calendário, o tempo vivido pode ser inscrito no tempo cósmico, quando nas datas assinalam-se comemorações e marcos do passado. Assim, a escala sem medida do tempo cósmico é humanizada, e concomitantemente, o tempo vivido se referencia.

A tese central de Ricœur é que, nesse processo de constituição da narrativa histórica, o que realmente se desvenda é a escolha de uma vida que se quer contar a fim de subsistir à força degenerativa do tempo. Desse modo, é necessário que as datas que se articulam no calendário

sejam verdadeiramente significativas para alguém, é preciso que tragam algo do tempo da vida do indivíduo. É a capacidade de contar minha própria história que desvenda minha condição temporal, pois é por meio da narrativa, que se produz o tempo humano.

A função primordial da narrativa, portanto, é tentar homogeneizar o tempo e torná-lo inteligível, é inscrever a experiência do vivido na história. Além disso, Ricœur (2007) assegura, de forma muito evidente, que o destino da narração está sempre unido ao espaço. Os personagens da história de qualquer narrativa sempre se movimentam num ambiente, o que comprova que tempo e espaço estão imbricados de maneira imanente na recordação. As memórias estão, de fato, inscritas em lugares determinados. Essa união está visível tanto no plano cotidiano das vivências individuais, quanto no plano metodologicamente organizado da representação histórica posta em paralelo à construção arquitetural que, segundo Ricœur, operam o mesmo tipo de inscrição: a primeira na duração do tempo e a última na materialidade espacial.

Entretanto, para traçar o contraponto entre tempo narrado e espaço construído que melhor contribua para a Ciência fundamentalmente humana, o filósofo francês faz uma ressalva: é necessário ultrapassar a visão mais estreita sobre o mero espaço construído da arquitetura e chegar a uma compreensão mais ampla sobre o sentido da Terra habitada, próprio da Ciência Geográfica. O autor, inclusive, ressalta o fato de que o lado humano da Geografia, desenvolvido originalmente por Vidal de La Blache, pode ter influenciado a constituição da Escola dos Annales, com suas noções de “meio”, “modo de vida” e “cotidianidade”. Como exemplo, Ricœur cita a obra de Braudel “O Mediterrâneo e o Mundo Mediterrâneo na Época de Felipe II”, que reproduz duas características próprias das monografias regionais de

A memória para pensar o espaço: a perspectiva do lugar
Kelly Cristina Rodrigues Silva

La Blache: a permanência das estruturas estáveis das paisagens e a opção pela descrição dos fatos.

Com essas observações, Ricœur faz questão de ressaltar que o espaço dos geógrafos, e por conseguinte, dos historiadores não deve, pois, ser o espaço geométrico, uma vez que a Terra é, primordialmente, um solo habitado. Para encontrar o espaço humano, é preciso seguir um raciocínio análogo ao que foi necessário para encontrar o tempo humano. É fundamental superar as dificuldades que tendem a ocultar a concepção de espaço vivido, ultrapassar as fronteiras abstratas do espaço meramente geométrico para, enfim, revelar o espaço onde uma vida pode ter lugar.

O TERCEIRO ESPAÇO REVELADO PELO HABITAR

O corpo é a nossa referência primordial em relação ao espaço, nos serve como parâmetro para toda e qualquer orientação espacial. Adotamos os referenciais espaciais para o apoio e fixação da memória, os lugares são como âncoras para as lembranças. As nossas experiências espaciais são, ao mesmo tempo, íntimas, próprias da experiência individual e vinculadas à experimentação do corpo; e compartilhadas, pois também são vivenciadas de maneira coletiva em constante contato com outros indivíduos.

Do mesmo modo que a narrativa do historiador não é o passado em sua essência, o espaço representado pelo geógrafo também não é capaz de abarcar o espaço em toda a sua totalidade e complexidade. O espaço geométrico/cartesiano está distante da possibilidade de exaurir toda a experiência que nosso corpo é capaz de estabelecer com o ambiente que o envolve. Há que distinguir entre o espaço do mundo homogêneo (mensurável, indiferente) e o espaço vivido próprio da experiência do sujeito, desenvolvido e explorado pela visão

fenomenológica. Esse é o ponto de partida essencial para iniciar a reflexão sobre o terceiro espaço, proposta por Ricœur, sempre em paralelo à temporalidade histórica.

Para explicar o espaço vivido, Ricœur recorre a autores que se dedicaram ao tema como E. Casey e Merleau-Ponty. Para o primeiro, o lugar é, simultaneamente, estabilidade e movimento: a presença do corpo num ponto espacial, e o impulso de uma busca incessante por novos lugares. Ao mesmo tempo em que a sensação de não ter lugar, de estar longe de casa, é algo que nos assombra e que acarreta o vazio, a imaginação nos projeta para além de nós e de nossa casa, na busca por novos horizontes. Assim, o papel da memória, apoiada nos lugares, é nos ambientar e reconduzir a nós mesmos e aos lugares seguros.

Para Merleau-Ponty, a reflexão sobre o lugar está apoiada no constante debate com o espaço, na experiência viva do corpo, enunciada na descrição anterior ao espaço cartesiano, como demonstra em sua obra "Fenomenologia da Percepção". Ele insiste que nossas experiências originárias com o corpo sempre se desdobram num espaço vivido. O corpo corresponde de maneira dinâmica a um espaço que o envolve e atravessa. Merleau-Ponty (2006, p. 273) usa a metáfora do coração no organismo para explicar a mediação da experiência corporal com o espaço: é o corpo que anima e alimenta o espaço formando com ele um verdadeiro sistema. O espaço por si só, vazio da presença do sujeito, não possui nenhuma direção, nenhum referencial. Para compreender melhor tal relação vejamos o que Ricœur diz:

O corpo, esse aqui absoluto, é o ponto de referência do acolá, próximo ou distante, do incluído e do excluído, do alto e do baixo, da direita e da esquerda, do à frente e do atrás, e de outras tantas dimensões assimétricas que articulam uma tipologia corporal não desprovida de algumas valorações éticas, ao menos implícitas, por exemplo, a da altura ou a do lado direito. A essas dimensões corporais juntam-se posturas privilegiadas – em pé,

A memória para pensar o espaço: a perspectiva do lugar

Kelly Cristina Rodrigues Silva

deitado –, ponderações – gravidade, leveza –, orientações para diante, para trás, de lado, todas elas determinações suscetíveis de valores opostos: o homem atuante, como homem em pé, o doente e também o amante, na posição deitada, a alegria que soergue e eleva, a tristeza e a melancolia que abatem, etc. (RICŒUR, 2007, p. 158).

Espaço e corpo estão dessa maneira imbricados, fato que é estranho às doutrinas abstratas do espaço geométrico que buscam a ideia de espaço infinito, homogêneo, isotrópico que anulam o ponto de vista do sujeito sobre o mundo. Ricœur (2007) encontra no meio desses dois, um terceiro espaço que é configurado pelo ato de habitar, constituído pelo ato de construir. “É a arquitetura que traz à luz a notável composição que formam em conjunto o espaço geométrico e o espaço desdobrado pela condição corpórea”. Compara, então, o terceiro espaço ao terceiro tempo com a seguinte analogia:

O espaço construído é também o espaço geométrico, mensurável e calculável; sua qualificação como lugar de vida superpõe-se e se entremeia a suas propriedades geométricas, da mesma forma como o tempo narrado tece em conjunto o tempo cósmico e o tempo fenomenológico. Seja ele espaço de fixação no qual permanecer, ou espaço de circulação a percorrer, o espaço construído consiste num sistema de sítios para as interações mais importantes da vida. Narrativa e construção operam um mesmo tipo de inscrição, uma na duração, a outra na dureza do material (RICŒUR, 2007, p. 161).

Para compreender o habitar, é necessário desvendar o ato de construção do espaço. É a arquitetura que revela a composição formada em conjunto entre o espaço geométrico e o espaço vivenciado pela condição corporal. Assim como o relato, o espaço construído configura a mediação entre os dois espaços: humaniza as coordenadas objetivas

da geometria, ao mesmo tempo, em que transforma o espaço abstrato em lugares de vida.

O autor também enfatiza que a cidade é onde o trabalho do tempo sobre o espaço pode ser melhor compreendido. Cada nova edificação inscreve-se num espaço urbano constituído no tempo anterior, promovendo o que Ricœur denomina de uma verdadeira “intertextualidade”. Sugere que o tempo narrado e o espaço habitado estão fortemente imbricados na cidade que “se dá ao mesmo tempo a ver e a ler”. Para tal leitura, o filósofo propõe um encadeamento de ideias denominado de **tríplice mimésis**, a fim de operacionalizar a interpretação do espaço construído a partir do paralelismo entre o tempo narrado.

A NARRATIVA ESTÁ PARA O TEMPO, ASSIM COMO A ARQUITETURA ESTÁ PARA O ESPAÇO

Todo o arcabouço conceitual da **tríplice mimésis** foi detalhadamente elaborado por Ricœur em sua longa obra “Tempo e Narrativa”, dividida em três volumes. O autor inspirou-se na análise que Santo Agostinho fez sobre o tempo e na obra de Aristóteles sobre *mythos*. Mais tarde, no texto “Arquitetura e Narratividade”, Ricœur estende essa tripla dimensão para a interpretação do espaço construído, análoga à análise da narrativa.

Nesse caminho, o autor faz um convite à interpretação da espacialidade, em paralelo à temporalidade, em três etapas, por ele denominadas: **prefiguração** (presunção do habitar, e a narrativa do cotidiano); **configuração textual** (quando o construir se encarrega do habitar, e a narrativa se constitui enquanto texto); e **refiguração pela recepção** (o habitar que refaz a memória do construir, e a interpretação do leitor).

A **mimésis I** ou **prefiguração** é a fase anterior à constituição da forma literária, a conversa empregada na vida cotidiana que caracteriza o contato e a convivência das pessoas. São relatos que só adquirem sentido pela troca de experiências, lembranças e projeções de futuro. Em paralelo, é o habitar que presume o construir. Partindo desse binômio habitar/construir, Ricœur nos lembra que toda história de vida desenvolve-se num espaço de vida. Desse modo, o relato revela a necessidade de ordenar os fatos e nomear os sujeitos das ações, enquanto o espaço construído demonstra a necessidade fundamental de constituir o habitar essencial, lembrado por Husserl como o *Lebenswelt* que entrelaça experiência vital e necessidade objetiva e subjetiva do habitar. Para explicar essa busca pelo lugar ideal, Ricœur recorre ao sentido psicanalítico do nascimento, quando a perda da segurança do útero materno ocasiona o trauma do paraíso perdido e engendra a incessante procura por um lugar protegido.

Quando o arquiteto pensa na construção de um edifício carrega consigo o sentido do habitar, sua visão de mundo e as referências de seu espaço fenomênico que serão transpostas no projeto. É nesse momento, que o habitar pode ser narrado, quando pode ser transposto em materialidade. Assim, o espaço humano é configurado. Nesse instante, narrativa e arquitetura revelam-se numa efetiva mistura.

A fase em que o relato se descola da vida cotidiana e ingressa no campo da literatura por meio da escrita e da técnica narrativa é a **mimésis II**, também denominada **configuração**. Primeiramente, é formado o que Ricœur chama de constituição da intriga: reunião dos fatos cotidianos numa trama narrativa organizada pelas características da ação, causas e motivação dos personagens. Ocorre a síntese do heterogêneo para a formação do relato, quando se coloca em jogo uma dialética entre a descontinuidade das coisas, que ocorrem nas experiências reais, e a continuidade da história, que organiza e narra

os acontecimentos, reunindo-os numa trama com princípio, meio e fim.

Em seguida, é preciso atentar ao compromisso com a inteligibilidade, pois os relatos de vida, confusos por natureza, devem passar por um trabalho reflexivo que esclareça o que parece inexplicável na experiência direta.

Por último, deve-se promover aquilo que o autor chama de intertextualidade, caracterizada pela compilação de textos e temas distintos entre si. Para elucidar, Ricœur usa a metáfora da estante de uma biblioteca, que une livros que tratam de assuntos diversos, organizados um ao lado do outro, com a possibilidade de serem confrontados para a verificação e comparação de ideias.

Em paralelo, para interpretar a configuração da narrativa arquitetural, Ricœur (2002, p. 20) usa como guia os passos descritos anteriormente na constituição da narrativa. Explica que nesse paralelismo encontra-se a “manifestação de um espaço-tempo, no qual se entrelaçam os valores narrativos e arquitetônicos”. O projeto arquitetural representa a síntese espacial do heterogêneo; tenta, assim como na formação da intriga narrativa, dar uma unidade suficiente às diversas variáveis presentes na composição de um edifício, como as formas sólidas, as superfícies limites, a disposição no espaço e etc.

Ricœur ressalta que o relato empresta uma temporalidade exemplar ao ato de construir, pois o espaço edificado é o próprio tempo condensado e petrificado. O relato e o edifício são resultados de uma mesma intenção de imbuir coerência ao que está em discordância. O urbanismo é o próprio enredo da ocupação do espaço, com os fluxos de movimento, as necessidades de habitação, os locais de lazer, os centros comerciais, a conflitante relação centro/periferia. O projeto arquitetural pretende colocar em síntese toda essa heterogeneidade do espaço.

Outro fator importante é a mesma intenção de inteligibilidade revelada pelo desejo de compreensão do inextricável: assim como a escrita assegura a duração e passagem do que foi vivenciado, o espaço construído perdura no tempo graças à materialidade que possibilita a permanência de determinada inscrição, prevista na coesão de um projeto arquitetônico. A dimensão da intertextualidade, lembrada por Ricœur na metáfora da estante, também é percebida na rede de edifícios presentes no espaço urbano. Um novo projeto sempre se insere num contexto construído anteriormente. Nesse sentido, o autor chama a atenção para o constante jogo entre inovação e tradição, descrito por ele da seguinte maneira:

Cada arquiteto determina sua relação com uma tradição estabelecida. E, na medida, em que o contexto construído guarda em seu interior a marca de todas as histórias de vida que estão escondidas no ato de habitar dos cidadãos do passado, o novo ato configurador projeta as novas maneiras de habitar que se integraram na confusão de vidas já passadas (RICŒUR, 2002, p. 23).

Do arquivo disposto na cidade, fazem parte construções e ruínas de diversas épocas diferentes. As habitações particulares e lugares públicos estão carregados de memória. Todos os lugares possuem funções e destinos distintos conforme o tempo em que estão inseridos. Cada nova construção introduz-se nesse espaço com novas atribuições, ressignificando o que já existe e mudando a relação das pessoas com o lugar. Aqui, torna-se fundamental refletir sobre o ato de construir em sua relação essencial com o ato de habitar.

Todavia, deve-se levar em consideração a importante ressalva de que o sentido do habitar não se encontra no espaço construído em si, mas está guardado com aqueles que o vivenciam. É na apropriação do espaço que situa-se a memória do construir. Portanto, a **mimésis**

III ou **refiguração** situa-se na leitura, deveras sempre inacabada, das diversas possibilidades de sentidos dispostas no espaço construído.

Na comparação com a narrativa, Ricœur afirma que o trajeto do texto não se acaba nele mesmo, estende-se à percepção do leitor que realiza sua interpretação com as pistas de seu cotidiano. O texto, na medida em que revela algo, também transforma, pois a interpretação se completa com a compreensão que o sujeito tem de si mesmo, e com a possibilidade de mudança que a leitura pode provocar-lhe. No que tange ao espaço, o filósofo entrevê a possibilidade de os sujeitos lerem e relerem seus lugares de vida a partir de sua maneira de habitá-lo. Portanto, o ato de habitar é uma resposta à configuração do ato de construir. A finalidade derradeira do projeto arquitetural é, assim, a capacidade de oferecer a todos – habitantes e passageiros – a oportunidade de leitura de nossos lugares de vida “a partir de nosso modo, propriamente humano, de habitar” (RICŒUR, 2002, p. 27).

Dessa maneira, a tese crucial de Ricœur, na interpretação da espacialidade, é propor a compreensão de si mesmo por meio de uma leitura cuidadosa da cidade. As possibilidades de sentido, entrevistas no habitar de cada sujeito, muito revelam do modo humano de estar no mundo. A intertextualidade do espaço construído denuncia as ligações inovadoras entre espaço e indivíduo. A interpretação da cidade, dessa maneira, deve se complementar na interpretação daqueles que a habitam.

O habitar implica uma releitura do espaço urbano, na contínua e nova aprendizagem sobre a composição de diferentes estilos constituídos em diferentes épocas e também das histórias de vidas que marcam os lugares. Esses sinais, segundo Ricœur, não são somente rastros da anterioridade, são testemunhos atualizados do passado. O autor coloca

A memória para pensar o espaço: a perspectiva do lugar
Kelly Cristina Rodrigues Silva

então a necessidade de rever os lugares de memória³, no sentido de estabelecer um trabalho de memória que refaça uma leitura plural do passado capaz de superar a leitura obsessiva da mera repetição, com o intuito de revelar um passado mais rico sobre as cidades.

Todavia, Ricœur faz uma ressalva ao considerar que não é possível compreender os rastros do presente com o mesmo olhar do passado:

Tenho feito alusão às grandes ruínas da Europa de meados do século XX; não são simplesmente monumentos perdidos, nem sequer vidas perdidas, são também épocas perdidas; e o que se perdeu também são as antigas maneiras de entender as coisas. Portanto, há que abandonar a compreensão total e admitir que existem coisas inextricáveis na leitura de nossas cidades. Elas alternam a glória e a humilhação, a vida e a morte, os acontecimentos decisivos mais violentos e o prazer de viver. No processo de sua leitura, realizamos esta grande recapitulação. (RICŒUR, 2002, p. 29).

O que o autor sugere, afinal, é muito mais do que o mero paralelismo entre narrativa e espaço construído. Ele coloca a possibilidade de pensar a troca de significados entre o tempo narrado e o espaço construído, pois na cidade, a memória tem lugar. Tal constatação é evidente nas lembranças que são empreendidas por meio do espaço: “eu estava lá”. As memórias estão inscritas no espaço e o tempo pode ser narrado por meio do lugar. Dessa maneira, os lugares de memória podem ser mais do que apenas marcas de outrora, mas verdadeiros testemunhos reatualizados do passado.

³ Ricœur comenta sobre os lugares de memória no intuito de estabelecer uma fenomenologia do lugar, buscando o sentido da experiência vivida diferentemente do conceito colocado por Nora (1993) que trata os lugares de memória – não só os lugares geográficos, mas também os documentos – numa perspectiva crítica sobre o passado e sobre o movimento da história, que teria colocado fim à tradição da memória, e por isso, seria necessário consagrar-lhe lugares.

AS DISCUSSÕES FENOMENOLÓGICAS NA GEOGRAFIA: O LUGAR COMO CONCEITO FUNDAMENTAL

Os debates sobre o espaço, inspirados na Fenomenologia, encontraram eco na Ciência Geográfica, a partir da década de 1970, quando se desenvolveram os estudos da corrente humanística. O lugar foi elevado à posição de categoria chave para a compreensão dos sentimentos espaciais, a partir da experiência vivida. Os geógrafos humanistas sofreram influência direta da Filosofia e trouxeram para o âmbito da Geografia alguns conceitos clássicos da Fenomenologia como o *Lebenswelt* de Husserl, o mundo vivido de Merleau-Ponty e a visão do espaço como qualidade existencial de Bachelard.

Um dos principais autores que contribuíram para o desenvolvimento do pensamento humanista na Geografia é Tuan, tendo sido o responsável pela elaboração de uma diferenciação fundamental entre espaço e lugar. Ele questionou as teorias, até então vigentes, que apregoavam a visão de um espaço absoluto e homogêneo, sem considerar as percepções dos sujeitos.

O lugar como pausa no movimento, em contraponto ao espaço, como algo que permite e induz o movimento, é a ideia chave do autor para explicar de que modo a experiência dos sujeitos pode marcar o espaço e torná-lo diferenciado em lugares distintos. Ele também ressalta a dimensão do tempo na compreensão do mundo vivido como componente básico e indissociável do espaço no âmbito da experiência humana. “O tempo ilusório é ancorado no espaço, e o espaço é ancorado na realidade mais tangível do lugar” (TUAN, 2011, p. 7). Enfatiza a importância tanto das antiguidades geológicas quanto das ruínas da arquitetura humana para atestar a sensação do tempo decorrido.

A memória para pensar o espaço: a perspectiva do lugar
Kelly Cristina Rodrigues Silva

Porventura, a arquitetura como peça chave na compreensão da realidade é uma ideia bastante presente na obra de Tuan e que muito se aproxima do pensamento de Ricœur. Apesar de Tuan não ter desenvolvido uma teoria tão sólida quanto a do filósofo francês, ele considera que a arquitetura é um microcosmo dotado de uma clareza que não é tão explícita nas paisagens naturais. Por isso, numa analogia com a linguagem, o geógrafo considera a arquitetura capaz de afetar a percepção humana e aperfeiçoar as sensações e sentimentos sobre o espaço. Tuan enfatiza uma ideia que muito se assemelha à etapa da **configuração**, desenvolvida por Ricœur na **mimésis II**, ao postular que o ato de construir é uma maneira de colocar ordem à desordem do mundo, ou seja, a arquitetura como síntese do espaço heterogêneo.

Tangenciam também as reflexões de Ricœur os trabalhos de alguns geógrafos que desenvolveram o pensamento acerca da essência e da ontologia da Ciência Geográfica. Pioneira, nesse aspecto, é a obra de Dardel, escrita em 1952: "O Homem e a Terra: Natureza da Realidade Geográfica". O autor, professor de História e Geografia e um estudioso de Filosofia, foi bastante influenciado pela Fenomenologia bachelardiana. O que Dardel propôs foi a retomada da experiência primitiva do homem com o espaço, pois, para ele, à frente do geógrafo que mede e calcula está o homem que se depara com o mundo numa vontade obstinada de percorrê-lo. A Geografia, antes de se constituir Ciência, é uma experiência, um choque sensível.

Dardel (2011) considera que a Geografia é o próprio lugar da História na terra, constituída de testemunhos de épocas sucessivas. Faz uma forte crítica aos geógrafos que tomam o planeta como mero objeto de estudo, e sugere que se ocupem das relações duráveis existentes entre o ser humano e a Terra. Tal argumento nos remete à ideia de Ricœur quando ele faz uma reflexão sobre a possibilidade de pensar um contraponto espacial geográfico que seja digno ao tempo da

história, para uma Ciência que se constitua verdadeira humana. Nesse momento, ele apresenta uma recomendação para que se proceda do espaço construído da arquitetura ao sentido da Terra habitada presente na Geografia, sugerindo que a racionalização sobre o lugar seja ultrapassada pela dimensão da experiência.

Partindo da mesma questão ontológica, Lowenthal (1982, p. 118), pioneiro do arcabouço humanista na Ciência Geográfica, numa de suas obras descreve as "geografias pessoais", e argumenta que qualquer pessoa que examine e vivencie o mundo ao redor de si é, de algum modo, um geógrafo. O lugar para ele, "é uma visão compartilhada do mundo", presente em todas as geografias pessoais. O autor utiliza a expressão "terra *cognita* pessoal" como aquela que é "distinta do domínio compartilhado de conhecimento. É muito mais localizada e restrita no espaço e no tempo particulares do mundo, nem sempre são incorporadas na imagem geral". Exemplifica seu conceito ao dizer que sabemos muito pouco da terra como um todo e de suas partes mais amplas, embora saibamos muito sobre a "delgada fração do globo" na qual vivemos. Assim como os outros autores, considera a experiência do indivíduo essencial para entender aspectos do lugar que ninguém, que não o tenha vivenciado pessoalmente, poderia saber.

Sobre o habitar, bastante explorado por Ricœur na revelação do terceiro espaço, Buttimer, geógrafa irlandesa influenciada pelo pensamento de Merleau-Ponty, intercede por uma "atitude fenomenológica" que inclua o habitar como uma chave para pensar a vida das pessoas em consonância ao espaço geográfico. A autora explora a dimensão simbólica que está associada ao lar como um diálogo diário que o sujeito estabelece com o meio ambiente ecológico e social, o que lembra a **mimésis III** sobre a releitura que os sujeitos fazem do espaço construído, uma forma de diálogo com o que encontram estabelecido.

A memória para pensar o espaço: a perspectiva do lugar
Kelly Cristina Rodrigues Silva

Buttimer (1982, p. 180) fala ainda sobre o “sentido de lugar” citando os trabalhos dos geógrafos franceses do início do século XX. Para ela, o “gênero de vida”, conceito elaborado por La Blache, modelou e foi modelado, posteriormente, pelo sentido que o conceito de lugar adquiriu ao longo do tempo. Mesmo as mudanças tecnológicas que abriram os horizontes das pessoas para relações mais amplas, em distâncias cada vez mais longínquas, não “solaparam o sentido de lugar”. Para Buttimer, sob o ponto de vista do lugar, o mundo vivido pode ser compreendido “como uma tensão (orquestração) de forças estabilizantes e inovativas”. A mudança de ritmo dentre as diferentes escalas é expressa pelo relacionamento do corpo com o mundo e “pode ser vista como protótipo do relacionamento entre lugares e espaço, lar e amplitude na experiência do mundo”. Na relação rotineira, o indivíduo vive numa busca constante pela ordem, pelo hábito cotidiano, ao mesmo tempo em que se lança em busca da aventura e do movimento.

Os autores humanistas despertam, portanto, o interesse pelo lugar, nos estudos geográficos. Perseguem uma atitude fenomenológica e referem-se ao conceito como uma experiência vivida no espaço, considerando os fatores subjetivos do indivíduo, vivenciados a partir de uma base material objetiva e da relação com outros sujeitos. Propõem uma visão intersubjetiva como o diálogo entre indivíduo e o mundo vivido. O lugar é então, na corrente humanista, uma categoria central geradora de significados geográficos em constante relação com o espaço abstrato.

Todavia, o esforço de conceituação do lugar foi, indubitavelmente, o feito mais significativo da corrente humanista que não conseguiu desenvolver um caminho tão sólido e específico de interpretação do espaço, baseado no pensamento fenomenológico, como fez Ricœur no desenvolvimento da **tríplice mimésis**.

PARA CONCLUIR: A DIMENSÃO DA MEMÓRIA NO LUGAR

Mesmo nos trabalhos dos geógrafos que desenvolveram seus pensamentos motivados pela Fenomenologia, não encontramos, de forma direta como fez Ricœur, a hipótese de envolver a dimensão da memória para pensar o espaço habitado. A abertura de horizontes provocada pelas questões atinentes à memória no âmbito da História não foi, de fato, tão significativa no contexto geográfico. Mesmo os estudos desenvolvidos na corrente humanista ainda situam-se na periferia da Ciência Geográfica, próximo à fronteira, na interface com outros campos do conhecimento.

Constata-se que a postura, a “atitude”, o olhar fenomenológico adotado pela maioria dos geógrafos humanistas, representou, antes de tudo, uma alternativa crítica ao modo de fazer positivista. Assim, o que ocorreu foi uma apropriação dos conceitos como o mundo vivido e o “ser no mundo” para compor uma nova leitura sobre lugar. Todavia, não foi trilhado um caminho metodológico seguro, tal como pretendeu Ricœur na elaboração da **tríplice mimésis**.

Entendemos que a memória é um conceito chave na atualidade, pois possui também a faculdade de propiciar confluências multidisciplinares, além de ser constitutiva de identidades pessoais e coletivas. É essencial que o seu peso seja devidamente considerado nos estudos geográficos, principalmente quando dizem respeito aos lugares carregados de memória, apropriadamente patrimonializados pelo valor simbólico que representam.

Afinal, o patrimônio vazio de significado identitário transforma-se em lugar fantasmagórico, instituído por uma sociedade condenada ao esquecimento, que precisa cultuar símbolos nostálgicos de um passado morto pelo desaparecimento dos meios de memória, assim como foi

A memória para pensar o espaço: a perspectiva do lugar
Kelly Cristina Rodrigues Silva

antevisto por Nora (1993). Preferimos aqui, nos fiar na ideia de que, por meio do trabalho de memória proposto por Ricœur, é possível ressignificar tais espaços e descobrir neles, inclusive, a dimensão essencial do espaço de vida, ainda fundamentais para o presente e futuro do lugar.

Tendo em vista tal necessidade, é preciso considerar e descobrir quão essencial é a relação da memória com o espaço habitado. Da mesma forma que o advento da temática propiciou o aparecimento de questionamentos em relação à História oficial, ela pode suscitar o questionamento sobre o modo de ocupação e gestão do espaço urbano, e quem sabe, transformá-lo para que haja possibilidades mais democráticas de usos e funcionalização que sirvam, prioritariamente, à essência fundadora do habitar. ☉

REFERÊNCIAS

- BUTTNER, Anne. Aprendendo o dinamismo do mundo vivido. In: CHRISTOFOLETTI, Antonio (Org.). **Perspectivas da geografia**. São Paulo: DIFEL, 1982, p. 165-194.
- CERTEAU, Michel de. **A Invenção do Cotidiano**: 1. Artes de fazer. (Trad. de Ephraim Ferreira Alves.) Petrópolis: Vozes, 2014.
- DARDEL, Eric. **O Homem e a Terra**: Natureza da Realidade Geográfica. (Trad. de Werther Holzer.) São Paulo: Perspectiva, 2011.
- HARTOG, François. La montée des doutes. In: _____. **Croire en l'histoire**. Paris: Flammarion, 2013, p. 39-107.

LOWENTHAL, David. Geografia, experiência e imaginação: em direção a uma epistemologia geográfica. In: CHRISTOFOLETTI, Antonio (Org.) **Perspectivas da geografia**. São Paulo: DIFEL, 1982, p. 103-141.

NORA, Pierre. Entre memória e história, a problemática dos lugares. **Projeto História**, 1993, p. 7-28. Disponível em: <<http://www.pucsp.br/projeto-historia/downloads/revista/PHistoria10.pdf>>.

RELPH, Edward. Reflexões sobre a emergência, aspectos e essência de lugar. In: MARANDOLA JR., E.; HOLZER, W.; OLIVEIRA, L. (Orgs.). **Qual o espaço do lugar?: Geografia, epistemologia, fenomenologia**. São Paulo: Perspectiva, 2012. p. 17-32.

_____. As bases fenomenológicas da geografia. **Geografia**, Rio Claro, v. 4, n. 7, p. 1-25, 1979.

RICŒUR, Paul. El tiempo relatado. In: UNESCO. **El correo de la UNESCO**, año XLIV, Paris: Organización de las Naciones Unidas para Educación, la Ciencia y la Cultura, 1991.

_____. **A Memória, a História, o Esquecimento**. (Trad. de Alain François.) Campinas: Editora da Unicamp, 2007.

_____. Arquitetura y Narratividad. In: **Arquitetonic 4**: Arquitectura y Hermenéutica. Barcelona: Edicions UPC, 2002. Disponível em: <http://socfront.flacso.edu.mx/?page_id=606>. Acesso em: 3 dez. 2014.

MERLEAU-PONTY, Maurice. **Fenomenologia da Percepção**. (Trad. de Carlos Alberto Ribeiro Moura.) São Paulo: Editora Martins Fonseca, 2006.

TUAN, Yi-Fu. Geografia humanística. In: CHRISTOFOLETTI, Antonio (Org.) **Perspectivas da geografia**. São Paulo: DIFEL, 1982, p. 143-164.

_____. **Espaço e lugar**: a perspectiva da experiência. (Trad. de Lívia de Oliveira.) Londrina: Eduel, 2013.

Submetido em Março de 2015.

Revisado em Julho de 2015.

Aceito em Julho de 2015.